

O outro lado da história

Lúcia Araújo

No Alto da Serra do Mar em Lídice, na então chamada Santo Antônio do Capivari em sua casa de pau a pique dormia João ao lado sua esposa. O cesto de taquara que pendia do teto balançava a caçula. Um barulho o faz despertar. Pula da cama agarra sua foice afiada e olha pela porta procurando sob a luz da lua que brilhava. Não tardou e percebeu que o barulho vinha da plantação de milho, que já estava quase pronta para colheita. Lançou-se porta afora. Ao chegar ao milharal viu boquiaberto um burro saído sabe lá de qual inferno que derrubara a cerca comendo e pisoteando os pés de milho. Levantou a foice e acertou a perna do burro que num urro saiu mancando e levando o rastro da destruição com ele. Outros burros vieram, era uma tropa inteira. Vencido João cai por terra, à foice jogada ao lado. Já arrependido de ter agredido aquele animal.

A madrugada se fez dourando o céu da serra naquela manhã, indiferente ao sofrimento de João que saiu bem cedo para saber de quem era aquela tropa de burros que pisoteara suas plantações. Não precisou andar muito e se deparou com homens estranhos que derrubava a mata e faziam fornos de barro para fazerem carvão. Ele nunca tinha visto nada igual estava transtornado queria respostas, afinal ele vivia ali com sua família desde sempre, nascera ali e ali viveu seus pais, irmãos e parentes.

A resposta veio fria como a neblina da serra: um homem

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

dizia ter documentos que provava o direito de explorar aquelas terras, ali estava sendo instalada uma carvoaria. Analfabeto não importava que papel o mostrasse, não entendia e desolado voltou para casa. A roça estava perdida, a horta e tudo que plantara. Só restaram as galinhas e os patos no quintal, mas sem a colheita do milho não teria como trata-los por muito tempo.

Desanimado saiu em busca de seus amigos e parentes, alguns já estavam indo embora. Aquela gente pacífica acolhia a sentença dada por um pedaço de papel. Os boatos de que foi o governo que dera permissão e que o carvão ali produzido era para a recém-criada CSN, não deixavam dúvidas dos direitos dos carvoeiros.

Foram embora se espalhando. Uns foram trabalhar na ferrovia Oeste de Minas, outros se aventuraram nas cidades. Ao João restou a pequena casa de barro, convidado a trabalhar para a carvoaria aceitou com amargura, saía de madrugada e voltava já tarde quase escurecendo. No final do mês o parco salário fora quase todo retido para pagar a venda, que vendiam e anotavam numa caderneta por um valor bem maior. A comida fresquinha colhida da sua roça fora substituída por um fubá velho e mofado e um feijão cascudo.

João sempre vivera livre por aquelas serras, plantando, caçando e pescando, nunca tivera patrão, sua história de vida se perdia no tempo sumindo com ele sua identidade ao deixar suas terras e se tornar empregado, num subemprego sem nenhum direito trabalhista, não se adequa ao novo meio de vida e toma uma decisão.

O Brasil naquela época caminhava para industrialização

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

mais ou menos em 1940, João e seu cunhado abandona a terra e encontra emprego como funcionário público trabalhando na estrada Barra Mansa - Angra dos Reis. Assim começou sua nova história. Morando em acampamento à beira da estrada com sua família e outras, cuja maioria era ligada por parentescos e uma história em comum: o abandono das terras de onde provinham seus sustentos.

– Pai o que faz aqui sozinho na beira do fogão? Já é tarde.

– Lembrano fia, lembrano.

– O quê pai?

– Cê num lembra era ainda de colo quando aqueles burros comeram meus mios, as couve e tudo mais que tinha plantado.

– Não pai. Não me lembro, mas sei a história o senhor já contou.

– É fia parece que foi onti que perdi tudo.

– Mas pai o senhor deu sorte está empregado, tem carteira assinada e tudo, e esta nova constituição vem assegurar tudo isto sabia? O senhor tem os finais de semana livre para fazer suas roças ou caçar e até um salário mínimo é garantido. Sabe pai eu li que o presidente Getúlio Vargas...

– tá tá vamu drumi que já iscuitei tudo issu du primu metido a chefi.

Léa acompanha o pai com um leve sorriso no rosto, certamente ele tinha discutido com o primo que era encarregado do trecho em que ele trabalhava.

* * *